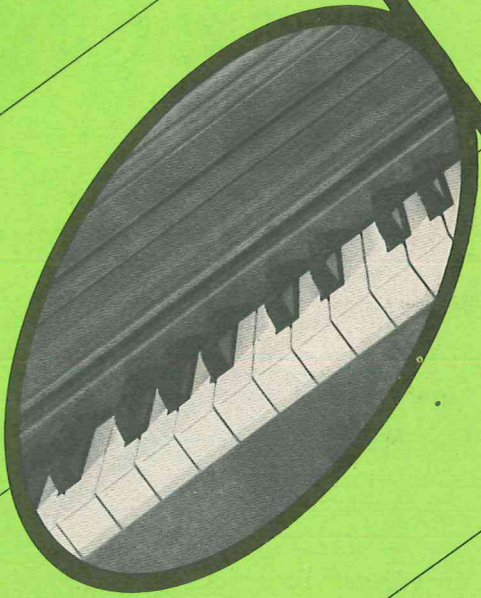




European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO®
DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO /
1 DE NOVEMBRO DE 1980

CÂNTICO NOVO

—JORGE DE BARROS

A vitalidade da Igreja reflecte-se no seu canto.

Todos apreciamos as composições tradicionais que mergulham qual raiz na história do movimento evangélico. Falam de convicções firmes, profundamente radicadas na Palavra. Tocam-nos pela riqueza do seu conteúdo espiritual imune ao desgaste do tempo. Algumas delas já se consagraram, quais hinos nacionais do povo de Deus em peregrinação por este planeta.

Entretanto, não devem selar o hinário, como se constituíssem a palavra definitiva ou única no vocabulário musical da igreja.

Sempre que homens e mulheres de Deus emergem vitoriosos de experiências e graves crises nacionais ou pessoais, sentem ímpetos de cantar louvores ao Altíssimo. Assim nasceram os grandes hinos da Bíblia: não que escasseassem obras musicais semelhantes—e até melhores, mas por causa da exultação e do significado específico do momento.

Moisés lançou o seu “cântico novo”, ao descobrir que “o Senhor é a minha força” (Êxodo 15:1-19).

Davi cantou quando, como ele próprio disse, “Busquei ao Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus inimigos” (Salmo 34:4).

A Virgem Maria, embora bem familiarizada com os muitos salmos históricos do país, preferiu compor seu próprio hino ao Salvador que a honrara supremamente (Lucas 1:46-55).

Em qualquer livraria podem-se encontrar modelos de cartas para várias ocasiões. Veja só o título deste: *As Mais Belas Cartas de Amor*. O palavreado é todo florido e diz coisas lindas e certas. Mas os namorados encontram mais intimidade no bilhetinho ditado por sentimentos pessoais, embora expressos em estilo menos polido.

Encorajemos os compositores evangélicos de hoje. Nada nos garante que suas obras se tornarão clássicas e entrarão nos hinários do futuro, mas temos sobejas razões de estar gratos por elas: reflectem que o amor a Deus continua a arder em corações e que este sentimento ainda se esmera pela expressão mais íntima.

Temos, pois, *expressão*—em vez de *competição*.

No hinário mais tradicional do universo, encontramos o desafio mais contemporâneo:

*Cantai-Lhe um cântico novo;
tocai bem e com júbilo.*

(Salmo 33:3)

A GRAÇA DIVINA E A RESPOSTA HUMANA

A salvação obtém-se pela graça divina e não pelo esforço humano. Desta afirmação deduzem-se duas verdades:

1. Alcança-se a salvação pela provisão gratuita de Deus realizada por nosso Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário.

Teologicamente falando, esta é a graça "objectiva" que se define, por vezes, como o amor imerecido de Deus em Cristo.

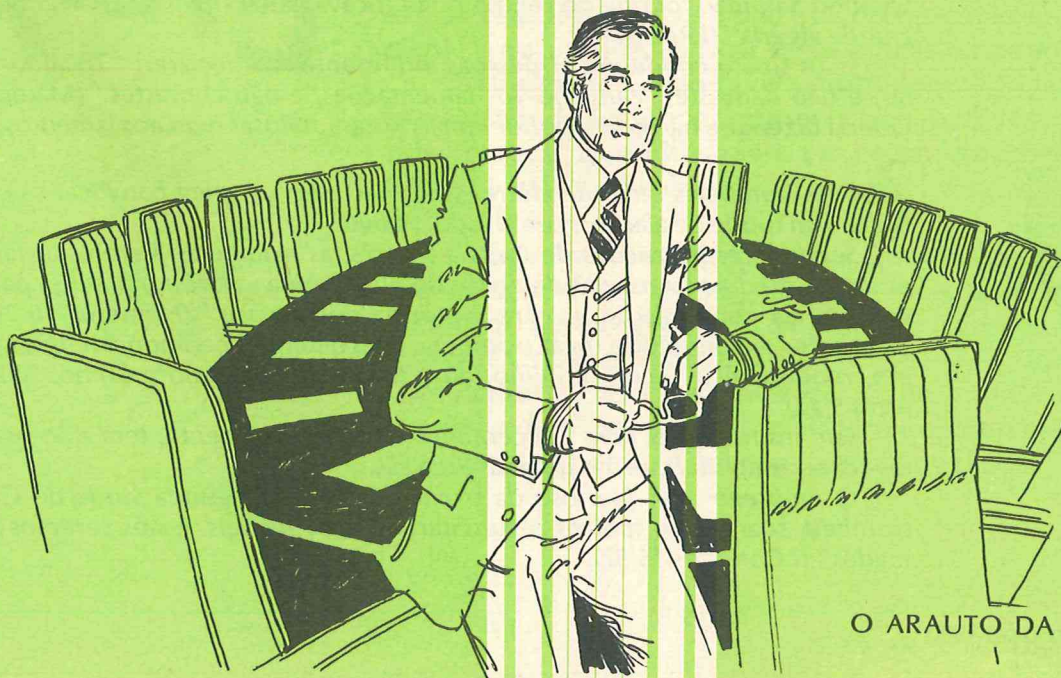
2. Consegue-se a salvação pela ajuda de Deus através do Espírito Santo. Também podemos chamar a tal ajuda graça "subjectiva". Por ela, Deus opera em nossos corações para nos despertar, persuadir, converter e purificar dos pecados. Referindo-se à dupla obra salvadora, João

—W. M. Greathouse / Superintendente Geral

Wesley disse: "A graça de Deus é livre para todos e em todos".

A salvação é por graça e não por obras. Nunca seremos salvos se não reagirmos positivamente à acção redentora de Deus. Agostinho declarou: "Deus criou-nos sem precisar de nós, mas não nos salvará sem nós". O homem não pode salvar-se a si próprio; para obter a salvação que Deus oferece, deve "crer no Senhor Jesus Cristo" (Actos 16:31).

Deus toma a iniciativa para sermos salvos. Ele nos deu Cristo como a oferta perfeita da redenção e nos chama por intermédio do Espírito Santo. Mas, para sermos salvos, temos de responder ao convite divino com arrependimento, obediência e confiança. ■



O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX

Número 21

1 de Novembro de 1980

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ISAAC ABUNDIS, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



1980-85

EFEITOS DA MÚSICA

• As pessoas de ouvido apurado são sempre atraídas pela música suave e melodiosa. Segundo a natureza do som, sentimentos novos e inspiradores penetram na sua alma, ou vibram com a nostalgia e pesar dum passado distante.

Mesmo nos seres irracionais, a música produz um efeito de vaga sugestão, ao que reagem com docilidade.

Nos tempos recuados de Génesis, já se falava de vários instrumentos, manualmente construídos, e que se usavam em celebrações especiais. Já nessa época a música era, também, elemento terapêutico. O salmista Davi tangia sua harpa junto ao rei Saul, quando este era atacado por um espírito mau. Para as pessoas preocupadas, a música é um lenitivo; para as atribuladas por sofrimentos e dor, uma ajuda benéfica; para as desanimadas, representa um estímulo precioso que invade a solidão e traz novas esperanças.

A música é uma inspiração divina, especialmente quando, com o órgão, se elevam acordes de louvor a Deus. Serão a melodia e a harmonia manifestações usadas pelos seres celestiais?

Para os que gostam de música, esta constitui parte essencial da sua vida e os transporta a alturas inacessíveis.

O conhecimento profundo da música nunca tem fim.

As pessoas com o dom de música, deviam afinar bem o ouvido e usá-lo em tocar um instrumento do seu agrado. Assim acrescentariam mais uma nota à sua própria cultura e à da sociedade em geral.

—F. Montllau

DOIS INSTRUMENTOS DA BÍBLIA

1. As flautas mencionadas na Bíblia eram feitas, em geral, das tíbias de vacas. As usadas no Egito eram talhadas em madeira. Uma tocavam-se soprando numa das extremidades; e outras, de lado, como muitas das nossas.

Por ser difícil cobrir todos os orifícios com os dedos, requeria-se certa perícia para tocar flauta. O que não impedia o seu uso normal nas celebrações judaicas. Quando Salomão foi ungido rei, "o povo tocava gaitas (flautas), e alegrava-se com grande alegria" (I Reis 1:40).

Jesus Cristo condenou as pessoas indiferentes ao declarar: "Tocámo-vos flautas, e não dançastes; cantámo-vos lamentações, e não chorastes" (Mateus 11:17). Queria dizer que não corresponderam às notas jubilosas nem aos lamentos.

2. As trombetas feitas de chifres (shophar), serviam para convocar os chefes de Israel. Um toque de alarme reunia todo o povo.

Segundo as instruções de Deus a Moisés, as trombetas (keren) deviam ser de prata: "Faze duas trombetas de prata; de obra batida as farás; e te serão para a convocação da congregação, e para a partida dos arraiais" (Números 10:2). Só aos sacerdotes era permitido tocar trombeta. Para qualquer cerimónia religiosa no templo, requeriam-se, como mínimo, duas trombetas e, como máximo, 120 (II Crónicas 5:12).

Este instrumento, com 135 centímetros de comprimento, tem sido usado muitas vezes como símbolo nas moedas judaicas.

O emprego mais glorioso da trombeta será na segunda vinda de Cristo: "A trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (I Coríntios 15:52).

O TOQUE DE CRISTO

R

—H. T. REZA

referimo-nos a tocar com as mãos. Para isso, mencionaremos três passagens bíblicas que nos dão uma ideia do título.

A primeira refere-se a uma ação meramente física: "Traziam-lhe (a Jesus) meninos, para que lhes tocassem" (Marcos 10:13).

A segunda, a uma cura: "Tocando-lhe a orelha, o curou" (Lucas 22:51).

A terceira pressupõe purificação interior: "Estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê limpo" (Mateus 8:3).

O toque de Jesus excede todos os outros. Ao nascer na cidade de Belém tornou-a famosa. Ao morrer, tocou o sepulcro de José de Arimateia e o lugar ficou histórico. Tocou o poço de Sicar na Samaria e converteu-o em símbolo de água pura para os sedentos.

A mulher enferma aproximou-se de Jesus e ficou curada; Ele untou com lodo os olhos do cego de nascença e lhe restabeleceu a vista; tocou o esquife do filho da viúva de Naim e ele voltou à vida.

É possível que alguns dos meninos que trouxeram a Jesus para que os tocassem se encontrassem doentes e precisassem de ser curados.

Quando Ele tocava as crianças, saturava-as de bênção; onde o Mestre chegava, o Seu toque era precioso.

Curava os enfermos: os surdos ouviam, os leprosos eram limpos, o corpo febril recuperava saúde e os corações angustiados recebiam conforto e esperança.

Os antigos pensavam que bastava tocar os leprosos para a sua doença se transmitir. Ainda hoje muita gente foge deles. No entanto, Cristo estendeu a mão ao leproso e, em vez de ficar contaminado, fez a lepra desaparecer. Há purificação no toque de Jesus.

O significado do Seu toque é de poder infinito. Para o homem, há tarefas difíceis, quase impossíveis; mas para o toque de Cristo tudo é possível. A apoiá-lo superabundam as riquezas do céu. Jesus tocou o pão e os peixes e não só houve o suficiente para a multidão ficar saciada, mas ainda sobejou.

O toque de Cristo revela intimidade. Precisamos de estar mais perto de Deus para ouvir a Sua voz; ter visão mais nítida; possuir tranquilidade e paz; e ter corações purificados. Com o toque do Senhor afugentaremos a sombra da tristeza e da angústia.

Poucas vezes se dirigiu Jesus à multidão, mas quase sempre ao indivíduo. Nesta época de produção em massa, de facilidade de transportes e de aproximação dos povos, saibamos que Cristo está perto de nós.

Podemos hoje desfrutar do toque divino. Busquemos a presença de Deus em oração. É terreno propício para se unirem o espírito do homem com a graça de Deus. ■

DIFÍCIL PERDOAR?

—JOSÉ GONZÁLEZ

Há dias conversava com alguém sobre a necessidade do perdão. A certa altura ele exclamou: “É lindo ouvir falar do perdão, mas é difícil perdoar!”

Milhares de pessoas têm o mesmo sentimento. O mundo carece de quem perdoe com sinceridade.

No perdão há vários aspectos a considerar:

Se não perdoarmos não seremos perdoados. Embora esta doutrina pareça nova, foi ensinada por Jesus durante o Seu ministério. O conceito encontra-se no Pai Nosso: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6:12). Mais adiante, o Mestre procurou explicitar as palavras relacionadas com o perdão, pois seriam de grande importância na vida da Igreja: “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14-15).

Apesar da explicação do Senhor, os discípulos não compreenderam o ensino. Pedro perguntou-Lhe *quantas* vezes podia perdoar. Revelava-se a mesquinhez humana! Mas a resposta de Jesus foi categórica: “Sempre”. O perdão é imprescindível para desfrutarmos das bênçãos de Deus. Em seguida, o Senhor falou da parábola do credor incompassivo (Mateus 18:23-35).

A parábola em si é significativa. Um empregado devia muito dinheiro ao seu patrão. Constrangido a pagar, prostrou-se aos pés do credor que “movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida”. Po-

rém, aquele empregado não se compadeceu dum dos seus companheiros que lhe devia uma pequena quantia.

O que Deus perdoa não se pode comparar com o que o homem perdoa. Quando o devedor se negou a perdoar ao companheiro, o rei anulou o seu perdão e o homem ingrato foi preso e condenado a pagar até ao último centavo.

Jesus Cristo não só ensinou os discípulos a perdoar, mas também confirmou a doutrina com o próprio *exemplo*. Na cruz, maltratado pelos homens, a Sua oração foi uma súplica de perdão: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Ainda perdoou ao ladrão arrependido.

Os cristãos da Igreja Primitiva praticavam o perdão. Estêvão, primeiro mártir cristão, esqueceu as pedras que lhe dilaceravam o corpo para pedir a Deus que não imputasse aos algozes aquele pecado (Actos 7:60). Paulo foi mais longe ao suplicar que retribuamos o mal com o bem.

Só existirá verdadeira comunhão quando se perdoarem as faltas. “Vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta” (Mateus 5:24).

O perdão que Jesus proclamou é possível se vivermos em comunhão e no amor de Deus. Só Ele purifica os corações e nos capacita a perdoar, como desejamos ser perdoados.

As exortações do Sermão da Montanha em Mateus 5:38-48 terminam assim: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso pai que está nos céus”. É o segredo do que deseja perdoar—uma consagração total a Deus. ■

O que faz você quando louva a Deus? E como o faz?

Quem assiste regularmente à igreja ouve com frequência a palavra "louvar". A letra de uma doxologia conhecida diz: "Louvamos-Te, ó Deus". O ministro também às vezes lembra: "Louvemos a Deus com o hino número..."

Muitas passagens da Bíblia nos exortam a isso: "Vós, que temeis ao Senhor, louvai-o" (Salmo 22:23). "Mas eu esperarei continuamente, e te louvarei cada vez mais" (Salmo 71:14). "Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes" (Apocalipse 19:5).

No dicionário, louvar tem como sinónimos: *elogiar, exaltar, celebrar, enaltecer, aplaudir*. Todos estes termos exprimem admiração e reconhecimento perante a Trindade divina: Pai, Filho e Espírito Santo.

A palavra *exaltar* pressupõe louvor. Uma forma de exaltar a Deus é cantar hinos em Sua honra. O salmista Davi disse: "Exaltar-te-ei, ó Senhor, porque tu me exaltaste" (Salmo 30:1).

Há várias passagens bíblicas que identificam o acto de cantar com o de louvar: "Eu cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor, Deus de Israel" (Juízes 5:3). "Louvai ao Senhor. Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor na congregação dos santos" (Salmo 149:1). "Louvai-o com o som de trombeta; louvai-o com o saltério e a harpa" (Salmo 150:3). "Perto da meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam" (Actos 16:25).

Deus concedeu a todos algum talento musical. Ao descobri-lo, usemo-lo para glória do Senhor.

Participemos na adoração cantando hinos de louvor. Se temos algum dom especial de música, usemo-lo como membros do coro da igreja e como solistas. Identifiquemo-nos com a letra dos hinos e com a beleza da música. São criação de Deus.

O termo *celebrar* também é sinónimo de louvar e glorificar. Em Romanos 15:11, Paulo exorta: "Louvai ao Senhor, todos os gentios, e celebrai-o, todos os povos".

Temos à mão diversos modos de louvar a Deus: oração, leitura bíblica em comum, canto e mensagem. Podemos participar nos números musicais em voz alta e também em silêncio.

"Louvarei, cantarei—Hinos de confiança,
Pois Jesus dá-me luz—E doce esperança."

(Graça e Devoção)

Aplaudir quer dizer aclamar ou apoiar; mais uma forma de louvar a Deus. O Salmista aconselhou: "Aplaudi com as mãos, todos os povos; cantai a Deus com voz de triunfo" (Salmo 47:1).

O louvor humano através de aplausos é, por vezes, *mecânico*; mas quando é manifestação espontânea de exaltar a Deus, torna-se um acto sagrado.

Ainda se usam como louvor as palavras: "Amém, Aleluia e Glória a Deus!" Quando pronunciadas com sinceridade, animam o culto de adoração.

O Pai Celestial é bom, santo, digno de glória e de louvor. Louvemos a Deus com o nosso canto, as nossas acções e todo o nosso ser. O Salmista declarou: "Eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração" (Salmo 138:1).

Qualquer método ou instrumento que se utilize para louvar a Deus, cumpre o seu propósito.

Louvemos a Deus Pai, a Deus Filho e a Deus Espírito Santo. ■

Algum Talento Musical

Todos Temos



Que pensa você? Quero dizer, quais os assuntos que dominam o seu pensamento?

Deus interessa-Se de modo especial pelo que vai dentro da sua alma e da sua mente. Provérbios 23:7 diz: "Porque como imaginou na sua alma, assim é".

Aquilo que você pensa determina a categoria de pessoa que é. Nós somos o fruto dos nossos pensamentos.

Deus concedeu-nos o intelecto e deseja que tiremos dele o maior rendimento—para Sua glória e nosso benefício. Jesus Cristo declarou que a mente é um instrumento de amor. Ao ler Mateus 22:37, compreendi a verdade: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento".

Na busca de tranquilidade mental, Filipenses 4:8 ajudou-me muito:

*Quanto ao mais, irmãos,
tudo o que é verdadeiro,
tudo o que é honesto,
tudo o que é justo,
tudo o que é puro,
tudo o que é amável,
tudo o que é de boa fama,
se há alguma virtude,
e se há algum louvor,
nisso pensai.*

Ao ver os pensamentos impuros que buscam invadir-me a mente todos os dias, posso melhor apreciar este conselho do apóstolo Paulo. No entanto, não se trata de uma luta nova, Jesus enfrentou o mesmo problema (I Coríntios 10:13).

Neste versículo sobressaem três lições preciosas:

1. Sou responsável por aquilo que ocupa a minha mente.

Recordo o que um amigo me disse: "Pastor, tenho estado a orar para obter a paz, mas sem a conseguir. Hoje, durante a oração, lembrei-me que ainda tinha na garagem um pacote de revistas obscenas. Não tentava lê-las, mas era o bastante para me contaminar a mente. Esta tarde destruí-as e agora desfruto de verdadeira paz no coração."



Somos responsáveis diante de Deus até pelos pensamentos mais secretos.

2. Deus deseja guardar a minha mente.

Filipenses 4:7 declara: "A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos, em Cristo Jesus". No original grego a palavra "guardará" ligava-se a um termo militar. Paulo queria dizer que Deus poria um guarda à entrada da mente, o qual ajudaria a controlar os pensamentos.

A mente é como uma máquina computadora: reflecte a programação que recebeu.

3. Deus quer que a minha mente tenha paz.

O Senhor deseja sempre o melhor para nós. Jesus Cristo disse: "Eu vim para que tenham vida, e a te-

tenham com abundância" (João 10:10). Procuremos libertar-nos totalmente da culpa, da confusão e do conflito espiritual.

A solução para a tranquilidade mental é ter íntima comunhão com o Senhor. Antes de você e eu, Ele passou com vitória pela mesma experiência. Está pronto a conceder-nos a paz.

Fale com Jesus. Descubra-Lhe os seus pensamentos e terá mente criativa, livre e tranquila. ■

COMO OBTER TRANQUILIDADE MENTAL

—HOLLAND LEWIS

O Angulo Divino da Salvação

—W. T. PURKISER

Ao tratarmos da salvação distinguimos dois aspectos: o divino e o humano. Quando nos arrependemos (pela confissão e abandono dos pecados) e cremos em Cristo como Salvador (pela fé na Sua morte expiatória), Deus perdoa o passado e dá nova vida para o presente e para o futuro.

1. Justificação

Perdão é o que nós chamamos "justificação". Significa que Deus risca as nossas faltas e as esquece para sempre. O registro dos pecados passados perante Deus é como se nunca tivesse existido.

A justificação é, por natureza própria, remissão de "pecados passados" (Romanos 3:25). Ensinar, como alguns, que o perdão de Deus inclui todos os pecados passados, presentes e futuros, é cair em fantasia perigosa. O perdão desfaz a dúvida quanto à culpa e ao castigo.

Notemos, porém, que o perdão está relacionado com a culpabilidade, mas não indica necessariamente ausência de todas as consequências do pecado. A justificação é um acto legal na mente de Deus que não muda em si a situação temporal da pessoa perdoada. Quer dizer que o resultado físico e social do pecado perdurará mesmo depois da justificação ter eliminado a culpabilidade. Por exemplo, um jovem que debilitou o corpo com vícios, poderá viver o resto da vida com sofrimento, doença e limitações.

Em Lucas 15:11-32, Cristo ilustrou esta verdade com a "Parábola do Filho Pródigo". Cita as palavras do pai ao filho mais velho: "Todas as minhas coisas são tuas" (v. 31). O pródigo recebeu perdão; mas a herança que esbanjara, perdeu-a para sempre. Saiu rico e voltou miserável. As viagens a países distantes são sempre mais custosas do que aquilo que podemos imaginar. Embora as feridas do pecado curem, as cicatrizes ficam.

2. Regeneração

A segunda fase da obra divina consiste em arrepender-nos e crer no Senhor Jesus—"regeneração". Significa literalmente o que Cristo disse a Nicodemos acerca do novo nascimento. Em II Coríntios 5:17, Paulo declara: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo".

A justificação é uma mudança na atitude de Deus para conosco; a regeneração é uma obra realizada dentro de nós; e a santificação é operada pelo Espírito Santo e livra-nos do domínio do pecado.

Paulo afirma que ninguém se pode salvar a si próprio. Em Tito 3:5, lemos: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo".

Somos participantes de Cristo "sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela Palavra de Deus viva e que permanece para sempre" (I Pedro 1:23). Sem o novo nascimento do Espírito não há vida cristã: "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Romanos 8:9).

Paulo descreve os cristãos do Novo Testamento com as palavras: "em Cristo" e "novas criaturas" (II Coríntios 5:17). A nova vida em Cristo pressupõe reconciliação (v. 18); novo propósito de amar e servir a Deus; novo poder na tentação (I Coríntios 10:13); e novo sentido do destino da existência humana.

3. Adopção

A adopção está intimamente relacionada com o novo nascimento. É uma das formas preferidas pelo apóstolo Paulo (Romanos 8:15; Gálatas 4:5; Efésios 1:5). A regeneração refere-se à nova natureza pela qual somos verdadeiros filhos de Deus; a adopção diz respeito aos nossos privilégios e estado. Sublinhemos dois:

a. **Certeza.** Tanto em Romanos como em Gálatas, Paulo relaciona a nossa adopção de filhos de Deus com a presença do Espírito: "Não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, pelo qual clamamos; Aba, Pai" (Romanos 8:15-16).

O testemunho do Espírito é a certeza que Deus dá aos que creem em Jesus com fé salvadora.

b. **Herança.** Paulo relaciona a certeza não só com a adopção, mas também com a herança: "Se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados" (Romanos 8:17). "Assim já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és, também, herdeiro de Deus, por Cristo" (Gálatas 4:7). ■

A música é importante em qualquer culto. Além do programa habitual de canto na igreja, deve haver música instrumental. O Salmista convida a apresentar-nos diante de Deus "com júbilo" e "com canto" (Salmo 100:1, 2). O Dr. Hugh C. Benner salienta: "No conceito total da Igreja, o ministério da Palavra de Deus tem prioridade. Mas em segundo lugar está a influência e importância da música".

Ao longo dos séculos, a música tem feito parte do nosso esquema de adoração. Agora precisamos de rever o papel da música na igreja. Paul W. Wohlgemuth adverte que "o temor da Igreja Evangélica parece ser o de cair no formalismo dos cultos de adoração esteticamente belos, mas inalteráveis e rígidos. Receia que num culto ritualista seja dificultada a acção do Espírito Santo". Atentos a esse perigo, vejamos as partes musicais no culto de adoração.

Prelúdio

A música de introdução ou prelúdio é facultativa. Contudo, organistas e pianistas podem ajudar, com música seleccionada, a reunir os crentes no santuário e a preparar o ambiente. Uma congregação loquaz pode sossegar com hinos começados a tocar cinco ou dez minutos antes do culto.

Canto congregacional

Tanto em igrejas pequenas como nas grandes, o director de música escolherá os hinos para o culto. Também o pastor indicará aqueles que condizem com a sua mensagem. No entanto, ele pode delegar no director de música essa responsabilidade. Em todo o caso deve haver unidade entre o tema dos hinos e o da mensagem.

Estimulem-se os cristãos a se apresentarem diante de Deus com canto. Nas igrejas pequenas, os pastores são quase sempre os dirigentes de música. Toda a congregação se deve incorporar no louvor e adoração a Deus. O treinamento da arte de reger ajuda, mas é dispensável. O canto congregacional torna-se sublime, quando a assistência levanta sua voz em uníssono louvando o Senhor.

Música durante a oração pastoral

Alguns pastores usam música suave enquanto oram. Outros não concordam com esta prática. Havendo música instrumental durante a oração, procure-se não distrair os crentes com o seu estilo ou volume. Antes, que ela contribua para dar ênfase à comunicação com Deus, quando o "pastor" se aproxima do trono divino como representante do seu "rebanho".

Música coral

O coro da igreja, bem dirigido e ensaiado, é uma bênção no culto de adoração. Entretanto, um coro formado por pessoas voluntárias não é o mesmo que um grupo de músicos adestrados. Consequentemente, o director deve escolher peças musicais com um nível acessível a todos os membros do coro.

Ofertório

A música escolhida para ser executada enquanto se levanta a oferta contribui para a adoração. Permitir que se complete o trecho musical, mesmo depois de findar a colecta, é prover momentos de quietude e de meditação.

Música especial

Todos os cantores deveriam estar prontos a apresentar música ou hinos especiais. Os números escolhidos e apresentados ajudarão a elevar o espírito, a ouvir com mais atenção a Palavra de Deus e a ter um encontro real com o Senhor.

Hino de encerramento ou de convite

O culto de adoração bem planejado proporcionará hinos que desafiem os assistentes a responder ao apelo da Palavra de Deus apresentada na mensagem. Podem ser hinos de convite ao altar, de promessa ou consagração. Wohlgemuth aconselha:

"Basicamente, a igreja evangélica conserva certa ordem nos cultos, mas informal, porque a adesão rígida a qualquer forma de adoração, resultaria em cerimónia litúrgica. Ela necessita de nova visão quanto à música na adoração. A maior parte dos cultos são orientados a assistentes passivos em dar uma resposta e indecisos no seu propósito e vontade."

A preparação séria da música para o culto de adoração, ajudará o ministério do Espírito Santo. ■

Música na **ADORAÇÃO**

—ROBERT E. CRABTREE

A Unidade Cristã em Efésios

• A Epístola aos Efésios contém o resumo da teologia paulina, incluindo a doutrina sobre a Igreja. A sua *eclesiologia* centraliza-se no tema da unidade cristã: fundamento em que se apoiam os conselhos referentes ao culto e ao matrimónio (1:10, 22; 2:14-22; 3:6; 4:3-6, 11-13, 16, 25; 5:1).

Porém, a profundidade do conceito de Paulo abrange o contexto de toda a epístola (a exegese de textos isolados sobre "unidade" levaria a uma compreensão superficial).

O tema da unidade cristã não se originou no século I, nem no movimento ecuménico do século XX. Provém do próprio coração do Evangelho. Paulo era um com seu Senhor; a sua oração estava implícita na de Jesus: "Que sejam um" (João 17:11).

Apesar disso, o Apóstolo desenvolve a ideia noutra direcção. Não se baseia tanto na unidade entre o Pai e o Filho, mas na acção de Deus em Cristo, na obra do Espírito Santo e na natureza do homem. Só através deste amplo conceito da unidade cristã se foge ao sentimentalismo superficial que caracteriza a nossa época.

Em Cristo

Para Paulo, o fundamento e o alvo da unidade cristã encontram-se "em Cristo". Ele examina em 1:3-22 as dimensões cósmicas da acção de Deus. Aqui se fundamenta a essência da nossa eleição.

Em Cristo, declara Paulo, fomos eleitos antes da fundação do mundo (1:4); predestinados para filhos de adopção (v. 5); redimidos e perdoados (v. 7); e nos foi revelado o mistério da Sua vontade (v. 9; Romanos 3:21-26). A realidade presente só é nossa em Cristo.

Deus escolheu Seu Filho como Administrador e Encarregado de reunir todas as coisas "na dispensação da plenitude dos tempos" (v. 10). Nestas declarações das decisões e eventos há alusão implícita a Jesus como cabeça e unificador. O fundamento da unidade é Cristo.

A unidade deve ser considerada sob dois aspectos: realidade presente e esperança futura (v. 18). A plenitude dos tempos não está consumada (v. 10); e a experiência presente da unidade em Cristo carece de realidade. Daí a unidade da Igreja ter íntima relação com o "congregar em Cristo todas as coisas" (v. 10). A administração do Senhor não deve ser imposição estática, mas conceito vital, dinâmico, no qual se concretize a plenitude da acção de Deus.

Paulo faz aqui a primeira referência à Igreja e à sua unidade em Cristo, porque Ele é cabeça ou chefe (v. 22). Explica que a Igreja "é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (v. 23).

A associação das figuras simbólicas—Cristo cabeça da Igreja e a Igreja corpo de Cristo—sugere algumas implicações. Mostra a autoridade de Jesus Cristo sobre a Igreja e o poder que a Sua presença, unidade e actividade exercem nela. Cristo é a força unificadora, a própria vida do corpo. Os cristãos constituem o meio pelo qual se manifesta essa vitalidade.

A Tarefa da Igreja

Paulo passa a desenvolver as implicações do primeiro capítulo. Não se refere apenas à gloriosa esperança ou união mística com Cristo, mas também à tarefa da Igreja num mundo dividido por preconceitos raciais, culturais e políticos. Compete à Igreja encaminhar os homens para a obediência e unidade em Cristo.

Nos capítulos seguintes, Paulo expõe as responsabilidades éticas da unidade da Igreja em Cristo. "Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (4:3). Ele declara que a unidade cristã não é resultado de manobras psicológicas ou fruto do ser humano. A sua origem está em Deus. É um dom concedido através do Espírito Santo e mantido com o vínculo da paz.

Paulo reforça o argumento lembrando que as realidades espirituais devem unir os cristãos (4:4-6). Entretanto, fala da diversidade de dons (4:11) para edificação do corpo de Cristo (4:12), os quais precedem a unidade da fé, conhecimento, perfeição e medida da estatura completa de Cristo (4:13). A unidade provê estabilidade, crescimento e edificação (4:14-16). Também significa que a verdade, a pureza e o amor caracterizam a nossa convivência "porque somos membros uns dos outros" (4:25). A unidade cristã afecta todas as áreas da vida da Igreja.

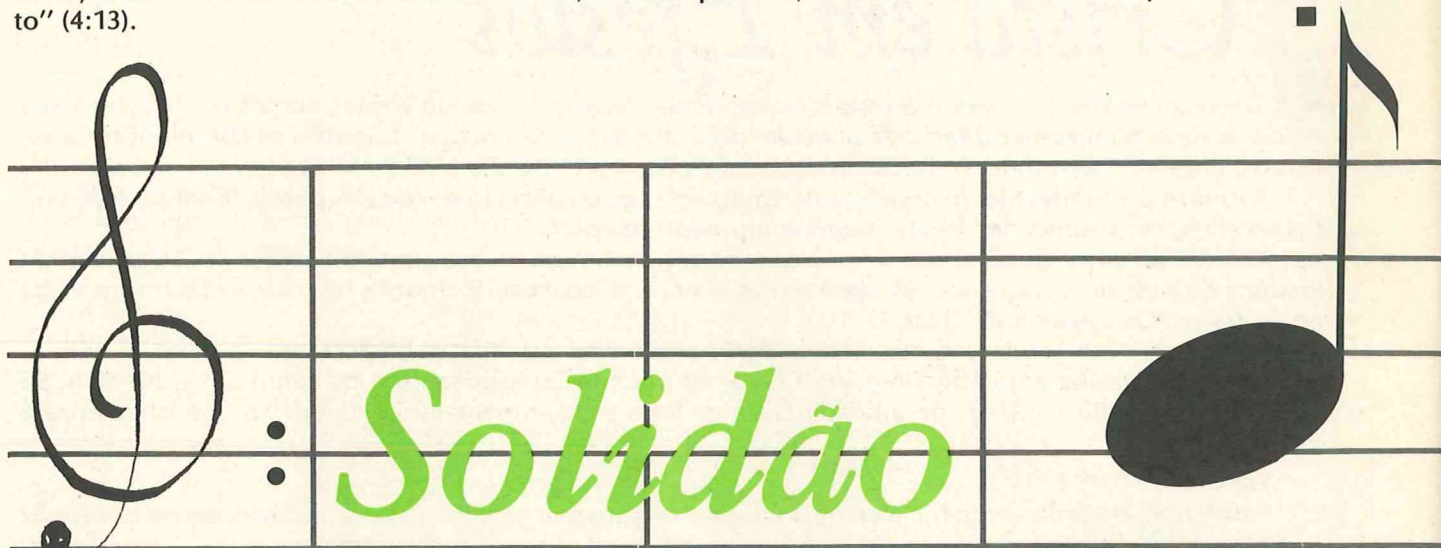
A Epístola aos Efésios ainda hoje se dirige a igrejas destroçadas pela discórdia dos membros e pelo desacordo denominacional. Fala àquelas que não dão a devida importância à mensagem da reconciliação por intermédio de Jesus.

Paulo esperava que o dom da unidade em Cristo ajudasse a resolver o problema gerado entre os judeus e os gentios. Que pensaria hoje o Apóstolo das divisões triviais que desfazem os laços da união

cristã? Será o crente, levado pelo espírito individualista, incapaz de compreender a verdadeira natureza do homem e da Igreja?

A Bíblia apela para a solidariedade e a unidade de todos os homens; e para que a Igreja, corpo de Cristo, continue unida.

Que Deus, por amor de Jesus Cristo, nos perdoe e nos ajude "até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (4:13).



—W. E. McCUMBER

Num artigo publicado nesta revista, pedi a todos que se "lembrassem dos pobres".

Uma leitora escreveu à redacção elogiando o artigo, mas terminava a carta com estas linhas: "Por que lembrar-se só dos pobres e não dos que vivem em solidão? Uma visita ocasional beneficiaria aqueles que se sentem isolados e esquecidos, pois eles reconheceriam que alguém se interessa em suprir a sua necessidade de companheirismo". O apelo provinha de pessoa idosa e era fácil reconhecer-se nele a vida de quem o escreveu.

A solidão ou isolamento é uma experiência devastadora. Muitas pessoas morrem por se encontrarem sós, embora o certificado de óbito registe outra causa. Existe dentro de nós profunda necessidade de companheirismo. Deus criou-nos para vivermos em comunhão, não isolados uns dos outros.

A solidão entre os anciãos da nossa sociedade alcança proporções epidémicas. Por vezes os amigos já morreram, os familiares encontram-se muito ocupados com a pressão da vida diária, e os dias decorrem sem qualquer visita. Para essas pessoas esquecidas, o tempo passa devagar e torna-se uma tortura.

No entanto, a solidão é mais que característica da velhice. Hoje está em aumento o número de solteiros que se encontram sós numa sociedade orientada para a família. Mesmo as actividades sociais das igrejas são frequentemente planeadas para casais e os solteiros encontram-se nelas deslocados. Muitos adultos solteiros temem chegar ao fim do trabalho diário, por causa do terrível isolamento que sofrem em casa.

Alguém perto de si está só; desejoso de companhia, de amizade. Poderá você visitá-lo de vez em quando? Poderá compartilhar com ele do seu amor, da Palavra de Deus; e conversar sobre assuntos de mútuo interesse?

Como a carta dizia "uma visita ocasional beneficiaria aqueles que se sentem isolados, pois saberiam que alguém se interessa em suprir a sua necessidade de companheirismo".

"Lembra-vos dos que sofrem de solidão." Estão à nossa volta.

RAABE, EXEMPLO DE TRANSFORMAÇÃO

—EDDIE F. QUISBERTH

Sou Raabe, a mulher pecadora de Jericó. Esta era uma cidade cheia de corrupção. Os habitantes praticavam toda a espécie de maldade e adoravam ídolos. Como o mal era comum, eu não fazia exceção. Procurei ajudar a minha família que era pobre e numerosa.

Habituada a receber visitas, não me surpreendia qualquer pessoa estranha. No entanto, aconteceu algo singular com dois estrangeiros. Contaram-me que foram enviados por seu chefe Josué e que Deus lhes prometera toda a terra à nossa volta. Eu acreditei, pois Jericó era uma cidade depravada que merecia castigo. Interessada em ouvi-los, não notei os soldados do rei que batiam à porta. Disseram: "Tira fora os homens que vieram a ti, e entraram na tua casa, porque vieram espiar toda a terra" (Josué 2:3).

Assustada com as possíveis consequências da minha atitude, respondi: "É verdade que vieram homens a mim, porém eu não sabia donde eram... sendo já escuro, aqueles homens saíram: não sei para onde aqueles homens se foram: ide após eles, depressa, porque vós os alcançareis" (Josué 2:4-5).

Fiz o que pude para salvar os dois hebreus e calar a multidão que se reunira à minha porta.

Passado o perigo, subi ao telhado onde estavam os estrangeiros escondidos e receosos do que poderia acontecer. Falei-lhes das maravilhas que o Deus do céu operara por meio de Israel e como todos os povos da vizinhança estavam atemorizados.

Não sei como tive tanta coragem, mas era a verdade. Recobrei forças para lhes pedir: "Agora, pois, jurai-me, vos peço, pelo Senhor, pois que vos fiz beneficência, que vós também fareis beneficência à casa do meu pai, e dai-me um sinal certo, de que dareis a vida ao meu pai e à minha mãe, como também aos meus irmãos e às minhas irmãs, com tudo o que têm, e de que livrareis as nossas vidas da morte" (Josué 2:12-13).

Eles concordaram com a minha proposta e eu fiquei radiante. Consegui não só ajudar os dois hebreus, mas também a minha família.

De noite preparei tudo para que eles saíssem sem serem vistos. Como a casa era construída rente ao muro, abri a janela que dava para o campo.

Logo que o sol se escondeu entre as montanhas a cidade ficou em silêncio. Então mostrei aos homens a corda pela qual deviam descer e expliquei: "Ide-vos ao monte, para que, porventura, vos não encontrem os perseguidores" (Josué 2:16).

Eles disseram-me: "Vindo nós à terra, atarás este cordão de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e recolherás em casa, contigo, o teu pai, e a tua mãe, e os teus irmãos, e a toda a família do teu pai" (Josué 2:18).

A princípio fiquei perturbada, mas depois convenci-me que chegara o nosso salvamento.

Os dois estrangeiros desceram pela corda e sumiram-se na escuridão da noite. Imediatamente ateiei o cordão de escarlata à janela para que lhes servisse de sinal a quando da destruição da cidade.

Durante muito tempo nada soube deles. Porém, um dia chegaram rumores dum pequeno exército que se aproximava da cidade. Encontrando as portas fechadas, dirigiu-se aos arredores. Seis dias os soldados de Josué deram voltas à cidade. Os de dentro dos muros troçavam.

Mas no sétimo dia ocorreu algo diferente. Soaram buzinas e tambores, enquanto um tremor de terra sacudia a cidade. Nas ruas reinava confusão, gritaria e angústia. A minha família, certa de que seria poupada, reuniu-se numa sala. Depois houve calma. Entretanto, alguém bateu à porta. Eram os dois homens hebreus cumpridores da promessa que me tinham feito.

Seguimo-los até ao acampamento onde se encontravam os israelitas. Agora vivemos felizes entre o povo cujo Deus é onnipotente. Ele usou os dois espias que me visitaram para salvar toda a família.

O autor da Epístola aos Hebreus fala de mim: "Pela fé, Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias" (Hebreus 11:31). A fé salvou-me da morte. Confiei nas palavras dos hebreus. Sem conhecer a sua religião, tive fé no seu Deus. Estou salva com a minha casa: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8-9). ■

A noite era fria na auto-estrada onde fiquei com o carro avariado. Estava num beco sem saída. Tinha-me preparado para uma longa espera. Mas imediatamente apareceu um automóvel que parou. Um jovem marinheiro aproximou-se para ver qual era a avaria.

Levou-me a uma garagem distante e tornou-me a trazer. Aguardou até que eu partisse. Nunca mais o vi nem posso recordar seu nome.

Uma vez, quando me encontrava só, como soldado, em certa base de treinos de preparação para uma possível ida para a guerra, uma família cristã recebeu-me como filho. Nesses dias difíceis, ela ajudou-me e compartilhou comigo a minha angústia.

Noutra ocasião andava preocupado com a minha vocação, indeciso quanto ao caminho que Deus queria que eu tomasse. Inesperadamente, um professor falou na capela sobre o

-C. DALE GERMAN

Passe a OUTROS



assunto, mostrando como responder às interrogações e afastar as dúvidas. Foi como se Deus falasse pessoalmente pelos lábios dum homem: "Este é o caminho, agora segue-o".

Há muita gente boa neste mundo. Mas ao recebermos amor, bondade e generosidade, desejamos comunicá-los a outras pessoas.

Provavelmente o marinheiro já esqueceu a ajuda que me deu nessa noite de inverno. Lembro-me perfeitamente do sentimento desagradável de ter o carro avariado. Mas, desde então, paro sempre para socorrer motoristas necessitados.

O casal que com tanto amor me abriu seu lar e coração, durante o tempo de treino militar, já partiu para o Senhor. No entanto a sua hospitalidade ficou bem vincada na minha vida. Agora o meu próprio lar se encontra aberto a quantos sofrem de solidão ou precisam de amor. Recordo sempre a luta emocional por que passei e o carinho desse lar.

Duvido que o professor saiba que as suas palavras foram decisivas na minha vocação. Graças a ele, estou mais ciente da importância de minhas palavras.

Hebreus 13:2 diz: "Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela, alguns não o sabendo, hospedaram anjos". Tenho pensado em várias pessoas que, através duma vida cheia do Espírito e sensíveis às necessidades do próximo, são verdadeiros anjos.

O marinheiro que me ajudou, a família que me acarinhou e o professor que me orientou, foram pessoas enviadas por Deus. Chegaram num momento em que eu precisava de ajuda especial.

Não será justo pensar que Deus nos quer usar de modo particular para auxiliar outros? E não será também possível que ignoremos a nossa visão especial de enviados de Deus, até nos ser ela revelada no céu?

Todo o bem que nos têm feito na vida, passemos-lo a outros. ■

No dia 12 de Outubro de 1931 foi inaugurado na cidade do Rio de Janeiro o majestoso monumento do Cristo Redentor, com 38 metros de altura e um peso total de 1.145 toneladas. O monumento levou cinco anos a ser construído! Colocado sobre a montanha do Corcovado, numa altitude de 710 metros, domina a paisagem e pode ser visto de quase todos os pontos da Cidade Maravilhosa. É um símbolo da presença constante de Cristo em todos os caminhos do carioca.

No interior das Ilhas de Cabo Verde, o povo guarda uma tradição que não deixa de ter o seu interesse folclórico e de exprimir a fé simples da nossa gente. Ao longo dos velhos e batidos caminhos, nas encruzilhadas, são colocados em nichos, cruzeiros vestidas e ornamentadas com flores multicores. Forma simbólica e ingênua de trazer à memória dos viandantes a presença de Cristo em todos os caminhos.

Como o sol no seu zênite, Cristo levanta-Se para iluminar com Sua radiosa presença todos os caminhos da vida.

A Sua onnipresença evidenciou-se de forma incontestável após a Ressurreição quando, como o Sol da justiça, projetou-se sobre todos os caminhos.

Desde então, vemo-IO nos *caminhos da solidão e da tristeza*, à semelhança daquele por onde andou Maria Madalena, na madrugada que antecedeu a Ressurreição. Anda pelos *caminhos desérticos do desânimo*, como o que os dois discípulos de Emaús trilharam antes de terem os corações aquecidos pela Sua presença. Entra pelos *caminhos fechados do medo e da dúvida*, para estimular a fé perdida e oferecer nova oportunidade aos descrentes. Surge nos *caminhos arenosos da frustração*, àqueles que "nada apanharam" depois da sua inconsequente decisão. Ele está em todos os *caminhos largos do ódio e da vingança*, em todas as "estradas de Damasco", por onde correm Saulos furibundos levando ameaças e morte.

É o Deus Forte estendendo a Sua forte mão. É o Consolador oferecendo-Se como Bálsamo de Gileade para todas as feridas abertas. ■

O CRISTO DE TODOS OS CAMINHOS



**A C.N.P. APOIA E CONTRIBUI PARA O
MINISTÉRIO DA MÚSICA NA ADORAÇÃO PÚBLICA
E NA VIDA DIÁRIA DO CRENTE.**



**ENCOMENDE LIVROS, DISCOS E CASSETES DOS
MAIS APRECIADOS ARRANJOS E COMPOSIÇÕES
MUSICAIS À**

**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**